

# A Operacionalização do Conhecimento

O Combate Bélico Norteamericano e sua Percepção:  
Outro Capítulo da Saga . . .

Philip Kao\*



*A guerra é uma série de erros de cálculo*

—Barbara Tuchman

**E**ste artigo considera o que mudou em administração bélica, especialmente na maneira como os líderes de patente intermediária—de tenentes a coroneis e certos suboficiais—enfrentam, debatem e desincumbem seus deveres dentro do contexto operacional de guerra. Em terminologia militar moderna os Estados Unidos e muitos militares ao redor do globo dividem a guerra em três setores: estraté-

---

\*Anteriormente, apresentei um esboço deste artigo em *Soldiering: The Afterlife of a Modern Experience* na Universidade de Harvard, no Centro de Ciências Humanas durante a Conferência Anual dos Estudantes de Pós-Graduação [Annual Interdisciplinary Humanities Graduate Student Conference, the Humanities Center, Harvard University], 22–23 Abril 2011.

gico, operacional e tático. A maioria das pessoas percebe o militar como simples entidade tática—alguém que entra em combate com o inimigo em proximidade física imediata, levando a cabo manobras dentro de domínio específico, tais como no campo de batalha, mar e ar. Contudo, este artigo, trata da arte da guerra sob a perspectiva operacional: uma prática, um ponto de vista e uma série de conceitos organizacionais e de planejamento situados entre a tática e a estratégia.

Até certo ponto, este estudo trata do assunto de forma teórica. Muitos dos conceitos debatidos, colocados à prova e postos em prática pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos (*DoD*) parecem vagos e sem limite ou conclusão pré-estabelecida. Todavia, tentamos dar ao leitor uma descrição dos debates que continuam sendo travados na instituição militar—debates que não se encontram com facilidade no domínio público. Como mencionaremos mais tarde, o setor operacional da guerra não é somente um conceito organizacional ou mesmo burocrático. Pelo contrário, é um espaço em disputa, um nexos de teoria e procedimentos preestabelecidos, onde o padrão de redes inimigas e uma tentativa de jogar com ideias e esquemas, tais como sistemas adaptáveis complexos, estruturam a formação de unidades militares e organizações reais. Os debates promovidos em vários *blogs* voltados aos soldados profissionais, tipo “monge guerreiro”, tais como o *Small Wars Journal*, tentam transformar o setor operacional da guerra em retórica. As diferentes formas de conceber o inimigo e de fazer com que propósitos políticos tenham sentido, bem como a resolução final desejada para campanhas militares não são somente banalidades deixadas à estratégias de alto teor ou aquelas lideradas por civis. Tampouco são ignoradas ou simplesmente esquecidas pelos militares, como talvez se suponha. Essas questões, de certa forma, são tratadas de forma mais intelectual e intensa pelos membros da força que desempenham as funções no setor operacional do que pelos políticos e líderes civis nacionais.<sup>1</sup>

A estrutura do artigo é simples. Primeiro, oferece breve relato da história do setor operacional da guerra, inclusive maiores discussões e aprimoramento de definições, juntamente com a análise de desenvol-

vimentos recentes em raciocínio operacional, funções e áreas de responsabilidade. Após o que apresenta exemplo de entidade de comando e controle organizacional (C2)—os quartéis-generais da força conjunta do Comando das Forças Conjuntas dos Estados Unidos [*US Joint Forces Command's Standing Joint Force Headquarters – SJFHQ*], a fim de colocar em destaque até que ponto o projeto de campanha e planejamento tornaram-se epistemológicos, burocráticos e cognitivos no setor operacional. Algumas dicas referentes a como as questões de defesa e desenvolvimento se relacionam e vêm a ser um “sistema de sistemas”, que requer novos tipos de raciocínio e adaptação, fluem naturalmente do caso que apresentaremos.

## O Setor Operacional da Guerra

Em senso amplo e limitado, a estratégia militar trata de resultados geopolíticos da guerra ou dada campanha. Um modo de ver a estratégia de maneira mais matizada leva em consideração os modos como as organizações militares empregam estratégias e colocam em execução certas ideias e práticas, a fim de obter objetivos específicos.<sup>2</sup> A estratégia abrange agendas de ordem elevada, tais como segurança nacional, manutenção de paz e economia (inclusive a economia do conflito).<sup>3</sup> Situado entre os setores tático e estratégico, *o setor operacional da guerra* é um termo relativamente ausente da História da terminologia e raciocínio militar Anglo-Saxônicos.<sup>4</sup> O setor operacional empenha-se em traduzir os objetivos estratégicos a planos militares de campanha, enfocando-se na combinação de táticas empregadas para assegurar a vitória decisiva sobre o inimigo. Os membros da Força e empreiteiros de defesa no teatro que trabalham no setor operacional projetam campanhas e regem as operações (utilizando, não somente, recursos militares, mas também econômicos e políticos). Oficialmente, o setor operacional da guerra surgiu pela primeira vez na doutrina militar norteamericana em 1982.<sup>5</sup> De acordo com uma publicação de doutrina conjunta, “O setor operacional vincula o emprego tático de forças aos objetivos nacionais e militares. Aqui o enfoque encontra-se no projeto, planejamento e exe-

cução de operações, usando a *perícia operacional*: o emprego de imaginação criativa pelos comandantes e estado-maior (. . .) para projetar estratégias, campanhas e grandes operações, e organizar e empregar forças militares” (grifo original).<sup>6</sup> Embora os limites entre estratégia, operações e tática seja bastante opaco, as operações chegaram ao ponto de abranger a maior proporção do projeto e planejamento da campanha. Jacques Richardson adiciona que “a estratégia tende, assim, a ser linear e estável, (enquanto que) as operações (são) lineares mas com frequência de estabilidade imprevisível”.<sup>7</sup> Assim, o termo *perícia operacional*, descreve as habilidades, conceitos operacionais e o “padrão da perícia” para idear campanhas bem sucedidas no setor operacional. Nesse setor, os membros das forças militares servem de canais e tradutores entre a estratégia e a tática. Também são os que organizam o conhecimento, extraem os dados e gerenciam o processo. Mais do que qualquer outro, o setor operacional formatou a crescente burocracia da guerra e expandiu o complexo militar-empresário/conhecimento-economia.

O advento de novos sistemas ferroviários e o aumento de exércitos modernos na última metade do Século XIX significou que a logística necessitava de maior planejamento e que o destino da guerra provavelmente não dependeria do resultado de uma ou duas batalhas decisivas, mas sim do resultado de uma série de embates estratégicos. Essa perspectiva deu origem à noção de que uma guerra de aniquilação não seria mais sustentável ou desejada. As operações táticas requerem maior planejamento a meio termo e visão estratégica. No início do Século XX, os analistas russos e alemães da era soviética desenvolveram técnicas para flanquear o inimigo, bem como vários estilos de ataque, inclusive o *blitzkrieg*, que constituíam o planejamento e coordenação operacionais antigos. A progressão de batalhas táticas no tempo e espaço ficou sendo associada ao setor operacional da guerra: um setor de “grandes táticas” que leva a cabo decepção, ataques de profundidade, golpes contra o centro de poder do inimigo e utiliza o elemento surpresa.

O setor operacional da guerra evoluiu muito desde a Segunda Guerra Mundial. A guerra de atrição não mais é a estratégia principal. Em lugar de enfoque em destruição cumulativa, as forças armadas utilizam manobra *relacional* [*relational maneuver*: É um termo militar manufaturado. O objetivo não é destruir a substância física do inimigo como um fim em si. Ao contrário, é incapacitar via algum tipo de distúrbio sistêmico, sem se importar se aquele “sistema” é estrutura de comando, apoio logístico, método de travar guerra ou mesmo um sistema técnico], a fim de desarticular um sistema inimigo, tendo como alvo seus pontos fracos. Em manobra *relacional*, iludir a força inimiga é o objetivo principal. Edward Luttwak elucida que enquanto a guerra de atrição depende de recursos, a manobra *relacional* depende de conhecimento.<sup>8</sup>

No contexto atual, o setor operacional cresceu em tamanho e alcance. Muitas pessoas creem que os debates no nível estratégico nacional acerca de como e porque travamos guerra raramente estão firmemente fundamentados na evolução da natureza da guerra operacional. Pelo contrário, os termos políticos nacionais abstratos empregados nesses debates pouco esclarecem exatamente em que consistem as operações e as complexidades da guerra. Justin Kelly e Mike Brennan observam que nossos líderes civis nacionais tornaram-se nada mais do que protagonistas marginais e patrocinadores “estratégicos” da guerra.<sup>9</sup> A guerra como experiência e empreendimento nacionais ficou cada vez mais separada da vida civil e da administração governamental. Uma vez que a política contemporânea exige guerras breves, menores desdobramentos e poucos vestígios de combate, o nível operacional permanece com sérias dificuldades. Deve discernir campanhas compreensivas que se estendem através de ampla gama de domínios, envolvendo objetivos militares tradicionais, construção nacional e desenvolvimento. Conceitos reformulados e “filosofias funcionais” ressuscitadas, tais como a campanha de *choque e pavor*, bem como conquistar o povo *de corpo e alma* e o projeto operacional sistêmico são exemplos das recentes obsessões em perícia operacional. A tendência a perceber e reformular o inimigo como sistema adaptável complexo e a ênfase

em gerar novos processos em tomada de decisões baseados em ciclos de insumo ‘perceber-decidir-agir-adaptar’ continuam a fazer parte das missões atuais.

## Operações Baseadas em Efeitos e os Estabelecidos Quarteis-Generais da Força Conjunta

Os desenvolvimentos recentes em raciocínio operacional levaram a novas estruturas e conceitos organizacionais—as mudanças impulsionadas pelo enfoque militar em conhecimento e gerenciamento de informação. A Inteligência não mais só tem a ver com a revelação de segredos ou em como decifrar códigos. Pelo contrário, os profissionais competentes compilam vasta quantidade de informação e transformam a base de dados em elaboradas redes epistemológicas, mapas e sistemas. Os chavões, tais como *transformação e campo de batalha do conhecimento* reverberam em salas de reunião e são o enfoque em rituais de apresentações de *PowerPoint*. A proximidade da complexidade dá de encontro com a obsessão do engenheiro em planejamento. O que logo emerge são conceitos organizacionais, elogiados como multiplicadores de planejamento e sistemas de armas C2. Necessariamente, as questões de desenvolvimento também são admitidas ao rebanho, especialmente durante as fases pós-conflito, para lidar com a estabilização, transição e reconstrução. Em relato bastante revelador da assim denominada *mission creep*, [i.e., quando um projeto ou missão expande além de seus objetivos originais], H. R. McMaster em capítulo que detalha o planejamento civil-militar eficaz, assevera que “os planos operacionais devem identificar e fazer avançar as diretrizes macroeconômicas que removem os obstáculos ao crescimento econômico (por exemplo, impedimentos jurídicos ao investimento estrangeiro direto e subsídios que causam o desinteresse em iniciativas empresariais ou que incentivam a corrupção) e providenciam ambiente econômico estável (tais como baixa inflação).”<sup>10</sup>

Minha experiência em *SJFHQ* no Comando das Forças Conjuntas [*Joint Forces Command in Norfolk*], Virgínia, em 2007 destaca exatamente como opera uma dessas organizações pluridimensionais de planejamento e compilação de informação.<sup>11</sup> O *SJFHQ* recebeu a autorização oficial em outubro de 2004, quando o ex-Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, ordenou que cada comando combatente regional estabelecesse seu próprio *SJFHQ* como parte de impulso de transformação maior para apoiar a guerra global contra o terrorismo. O histórico do *SJFHQ*, contudo, abrange muito mais, indo até os experimentos militares e exercícios formulados nos finais da década de 90. Em particular, *Millennium Challenge 2002 – MC02*, um jogo e exercício militar de grande escala que custou aproximadamente \$250 milhões de dólares e que explorou e testou conceitos bélicos futuros, inclusive o advento de novas tecnologias de comunicação e guerra centrada em rede. Consistia de exercícios ao vivo, simulações via computador e protagonistas. O *MC02* exibiu vários conceitos. Alguns não foram muito bem aceitos, enquanto outros que tinham a ver com redes de conhecimento e o emprego eficaz de computadores para compilar e compartilhar informação receberam validação quase que imediata.<sup>12</sup> O *SJFHQ*, em um desses conceitos organizacionais “em jogo” durante o *MC02*, buscou colocar em prática um conceito operacional denominado operações baseadas em efeitos [*effects-based operations – EBO*]. O Maj Craig Barkely define *EBO* como

operações que são planejadas, executadas, avaliadas e adaptadas, baseadas em compreensão holística do ambiente operacional, a fim de influenciar ou mudar o comportamento ou a capacidade do sistema, utilizando o emprego integrado de instrumentos de poder seletos (. . .). O planejamento baseado em efeitos integra elementos diplomáticos, de informações, militares e econômicos, a fim de criar a condição desejada para satisfazer o objetivo nacional. Contudo, é importante lembrar que um efeito descreve o potencial ou condição destinada à infraestrutura política, militar, econômica e social, bem como sistemas de informação, e não os efeitos imediatos do alvo no nível tático.<sup>13</sup>

*EBO* gerou uma profusão de dispositivos de apoio, bem como conceitos derivados. Concebido como abordagem holística para compreender

o ambiente operacional inimigo, *EBO* tentou influenciar o comportamento gerando e antecipando os efeitos de primeira, segunda e terceira ordem de cada dada ação, ou falta da mesma, através de grande gama de domínios. O inimigo e suas redes foram convertidos em sistema de sistemas intrincados e em evolução, inclusive divididos por categoria, tais como política, militar, econômica, e assim por diante. Como metodologia epistemológica, *EBO* necessitava de nova linguagem, novos índices de avaliação e uma matriz de insumos e rendimentos. Seus quatro componentes em operação faziam parte de outra subdivisão em desenvolvimento baseados em conhecimento, bem como planejamento, execução e avaliação baseados em efeitos. O componente baseado em conhecimento incluía a formação de ambiente de informação colaborativa [*collaborative information environment – CIE*], definido como processo e dispositivo de rede (contatos). A oportunidade de partilha de informação entre os oficiais de planejamento e os membros das forças militares em campo em tempo real foi formalizado. O *CIE* fazia parte de configuração de rede e salas de bate-papo virtuais que fomentavam a comunicação entre organizações civis e militares. A informação compartilhada oferecia dados de analistas de sistema-de-sistemas que podiam interpretar, em suas tentativas de localizar nódulos essenciais e centros de fonte de poder, a fim de planejar uma série de ataques. Nesse meio tempo, a informação compilada e analisada sustentava outro conceito denominado avaliação operacional final [*operational net assessment – ONA*]. Esse conceito funcionava como base de dados em evolução, gerando informação acerca de nações e regiões específicas, bem como vários interessados e o interrelacionamento entre os interessados no contexto de contingências projetadas e históricas. Em teoria, a *ONA* era o barômetro de planejamento do *SJ-FHQ*, servindo de modelo integrado e contínuo da subconsciência institucional.

O *SJFHQ* continha 58 membros básicos, com outros seis analistas de sistema-de-sistemas, de acordo com a necessidade. Estava organizado com o propósito de assistir no rápido estabelecimento de quartel-general de força tarefa conjunta [*joint task force – JTF*]. A preocupação era que

no passado as *JTFs* e o quartel-general da *JTF* eram obrigados a conseguir pessoas no último momento, a fim de reagir a dada crise. Essas crises frequentemente recebem rótulos normativos, tais como *assistência humanitária, recuperação pós-desastre e grandes operações de combate*. Com um grupo separado, não vinculado a comando de força armada específica, e sem necessitar de confiscar recursos do estado-maior de comando combatente regional, tudo isso garantia que o *SJFHQ* estaria a postos e disponível para desdobramento quase que imediato. Além do mais, uma vez que os *SJFHQs* treinavam e trabalhavam juntos em planejamento e dando entrada aos dados na base de dados da *ONA*, já eram coesos, unidos, prontos para servir, formando o centro ao redor do qual o quartel-general da *JTF* iria incorporar-se durante as operações. Os *SJFHQ* foram criados para economizar tempo e para introduzir a flexibilidade, bem como novos conceitos bélicos e operacionais, ao mesmo tempo oferecendo aos militares uma solução de “baixa densidade, leve vestígios, mas em alta demanda”.

A organização *SJFHQ* inclui quatro áreas principais de responsabilidades funcionais: superioridade de informação, planejamento, operações e gerenciamento de conhecimento. O grupo encarregado de superioridade de informação trabalhou com o *CIE* e contribuiu muito para com a *ONA*, como já mencionado. O grupo encarregado de planejamento consistia de peritos, ou indivíduos treinados para localizar os peritos em assuntos pertinentes, em campos diversos como assuntos político-militares, capacidade específica às forças, forças de operações especiais e organizações não-governamentais. Além do mais, os planejadores desempenharam duplas funções, participando em equipes opostas (vermelha/azul), desempenhando diferentes papéis a respeito de como reagiria o inimigo em planos e operações no mesmo campo de batalha. O grupo de operações dentro do *SJFHQ* monitorava missões em andamento, enfocando-se em calcular e rastrear os efeitos de certas ações tomadas pelo *JTF*. Ao mesmo tempo, gerentes de conhecimento desempenhavam suas funções, organizando os dados e oferecendo a orientação em como descobrir informação relevante e oportuna, a fim de levar a cabo várias tarefas.

Em sua vida relativamente curta, os *SJFHQs* foram destacados ao Iraque, Afeganistão, Líbano, Paquistão, Doha, Japão e New Orleans. Os *SJFHQ* providenciaram aos membros de suas equipes um meio para refletir sobre a natureza de interações civis e as tensões e fissuras entre a estratégia, operações e táticas. As *EBO* exigiam projetistas e planejadores de campanha para usar e alavancar grande número de recursos, inclusive aqueles que se encontravam fora do *DoD*. Todos compreendiam que a frase colocar em execução os instrumentos nacionais de poder [*implementing the national instruments of power*] não denotava forma de estratégia coletiva, mas um exercício que envolvia perícia operacional intrincada. Meu trabalho e entrevistas com vários membros do *SJFHQ* revelaram que, de seus desdobramentos e exercícios de treinamento, muitos ficaram cientes da falta de coordenação em relações cívico-militares e a impossibilidade de colocar em operação o conhecimento e os dispositivos que existem teoricamente na abordagem governamental integral.

## Defesa e Desenvolvimento

O tipo de planejamento militar estipulado atualmente no setor operacional, especialmente em lugares como o Iraque e o Afeganistão, resulta no que os generais e analistas militares denominam de *mission creep*. As batalhas não são mais só erupções mecanizadas de guerra ou mesmo a coordenação avançada de ataques aéreos/terrestres através de múltiplos escalões. Além do mais, a guerra norteamericana mudou significativamente desde o Vietnã. Os artistas operacionais tentam fazer com que acreditemos que o campo de batalha estende-se através de multitude de domínios. Consequentemente, os Soldados, Marinheiros, Militares da Força Aérea e Fuzileiros Navais funcionam como homens para toda obra, treinando à medida que desempenham as funções. Como dizem meus colegas “voando e construindo o avião ao mesmo tempo”. Os militares futuros servirão de assessores de segurança, treinadores de proteção civil, coordenadores econômicos e de

desenvolvimento e engenheiros civis/elétricos. Em suma, são construtores e consultores ambidextros.

É útil lembrar que durante a descolonização, os cientistas sociais e analistas políticos começaram a tratar as nações recém estabelecidas como problema do mundo real e assunto acadêmico benéfico para pesquisa em ciências sociais e formulações teóricas. Ao mesmo tempo, os estudos nessa área prosperaram lado a lado com a Guerra Fria. O desenvolvimento começou a tomar forma como a “Nova Ordem Mundial” prometendo trazer modernização e progresso aos *Malditos da Terra* de Frantz Fanon.<sup>14</sup> [*Les Damnés de la Terre, redigido durante a luta pela independência da Argélia. Uma exploração do efeito psicológico da colonização no psique to povo*]. Durante esse período, as tradições foram imediatamente reinventadas pelas elites nacionalistas e confrontadas pelos processos de modernização. As teorias e conceitos sociais engajaram-se com inquietudes políticas reais que envolviam o lema “tudo é possível” da era de modernização imediatamente após o final da Segunda Guerra Mundial. Com frequência, essas teorias ajudaram a reproduzir as estruturas de poder da hegemonia Ocidental em sua categorização e tratamento de sociedades como estáveis ou não, desenvolvidas ou não, modernas ou não, e em suma, “coisas” que podiam ser estudadas, compreendidas e controladas.

Os formuladores de diretrizes estrangeiras e sociólogos estavam interessados na transição de sociedades tradicionais a nações-estados modernos e em maneiras de estudar as mudanças na sociedade. As sociedades que não estão sob o controle das nações industrializadas Ocidentais parecem ser voláteis e entrópicas—carentes de desenvolvimento e, por conseguinte, segurança. O desenvolvimento parecia ser proteção contra a insurgência que a defesa tinha que administrar e gerenciar desde o início. Quando voltamos ao presente, esse legado continua a existir: as forças armadas norteamericanas levam a efeito a ordem do dia do ponto de vista operacional que é uma força para o bem.

Se a guerra está entrando em período de renovada sedução, isso não é devido simplesmente a avanços tecnológicos. Para Christopher

Coker, as forças armadas modernas podem levar a efeito golpes cirúrgicos e limitar o número de baixas, porque a guerra é muito mais do que a compilação e avaliação de dados.<sup>15</sup> Em lugar de somente redesenhar o mapa, as novas guerras transformam o mundo ideologicamente. Não é novidade na história mundial. No entanto, a integração de desenvolvimento, assistência humanitária, estabilização pós-conflito e reconstrução de nações à guerra resulta em tipo diferente de renovada sedução. Tudo fica muito mais interrelacionado. Redes densas através de tempo e espaço desafiam a habilidade dos membros das forças armadas a processar informação e a reagir rápida e eficazmente. Como resultado, esse problema afeta a teoria e prática da perícia operacional.

## Conclusão

De acordo com Peter Paret “As guerras são travadas não pela vitória mas para alcançar um objetivo além da guerra”.<sup>16</sup> Essa declaração capta não só as controvérsias e a ambivalência em torno da atitude militar norte-americana para consigo mesma e suas recentes missões, mas também para com a guerra que planeja e atribui sentido a esses objetivos no setor operacional. As *EBO* fracassaram ou estão a ponto de fracassar, por motivos diversos. Por um lado, durante a fase de desenvolvimento e experimento do conceito, vários generais líderes expressaram ceticismo acerca da natureza rígida de redes e sistemas desajeitados. Percebem o conceito *EBO* como solução em busca de problema não articulado ou mesmo compreendido. Por outro lado, o *SJFHQ* adotou a estrutura *EBO* como projeto operacional e dispositivo de planejamento. Alguns membros do *SJFHQ* são peritos em uma série de assuntos práticos relevantes—alguns até mesmo desempenharam funções de agentes e intermediários em relações cívico-militares. Na ausência de interagência idealizada no setor de estratégia nacional, o *SJFHQ* tentou replicar e erigir um simulacro de vários pontos de vista estratégicos dos membros interessados (interagências).<sup>17</sup> Os *SJFHQs* e o Comando de Forças Conjuntas Norte-americanas não mais existem. No entanto, o conceito completou a transição terminando com uma série

de capacidades conjuntas vinculadas à logística no Estado-Maior Conjunto. No entanto, as *EBO* continuam a provocar debate. Os críticos, com razão, perguntam como podemos saber com certeza que certas ações levarão a certos efeitos. Outros, contudo, asseveram que *EBO* são úteis em situações específicas e que, recentemente, golpes aéreos e notuais nelas baseados foram bem sucedidos. Esses debates contínuos parecem refletir a versão de ciência militar do paradoxo da prática-teoria estruturalista/pós-estruturalista: quando tudo que se tem em mente é estrutura, acabamos vendo mudança; e quando estamos obcecados com mudança, é claro que perceberemos estruturas e padrões.

A perícia operacional continuará a evoluir, devido a mudanças bélicas e vice-versa. O pêndulo continua a oscilar. Muitos oficiais militares estão pregando mais do que nunca o retorno de missão mais simplificada e noção operacional mais restrita. Clamam para que os líderes civis adotem uma abordagem de *cima para baixo*, onde a estratégia e a burocracia preparam o caminho para operações simples e bem delineadas e campanhas com objetivos tangíveis realistas. Algo impossível.

O setor operacional da guerra padroniza e sistematiza o modo como os membros das forças armadas planejam e até mesmo passam pela experiência das operações militares. Os projetistas de operações da Força Aérea e Marinha fazem o possível para garantir a interoperabilidade de seus projetos e planos—ou “conjuntos” para usar a frase do momento. Durante os períodos de paz, as forças armadas treinam em conjunto e adotam a terminologia pertinente. O intercâmbio entre eles vai além de refeições/munição.

Mesmo quando a tecnologia e processos, tão vitais ao nível operacional da guerra, distanciam-se tanto dos embates da antiguidade, a uniformidade da experiência compartilhada pelos militares continua sendo a mesma.

Do conforto de uma sala com ar condicionado, diante de telas modernas, validam novos conceitos operacionais e preservam a percepção da situação. Alguns passarão a ser gerentes de dados e projetos em futuras equipes, como o *SJFHQ*. Enquanto isso, as tropas na linha de

frente ficam cada vez mais sofisticadas. Conseguem manter a percepção dos eventos, ainda que fora de proporções realistas. A responsabilidade continua a ser incomensurável. Serão obrigados a confrontar e a interagir com os vários níveis de guerra. Em recente monógrafo acerca de como a perícia operacional devorou a estratégia, Kelly e Brennan declaram que “Um soldado norteamericano em qualquer esquina de rua em Bagdá não só personifica a decisão estratégica de invadir o Iraque, mas também a completa evolução política, social, diplomática, cultural e econômica dos Estados Unidos desde antes da guerra pela independência no Século XVIII. As ações daquele soldado estão repletas de inferências militares de amplo espectro, bem como as diferentes políticas: E.U.A (doméstica), Iraque (interna) e Internacional”.<sup>18</sup> □

---

## Notas

1. Por exemplo, Maj Robert J. Reiss Jr., USAF, declara que “A cadeia operacional (comando combatente, operacional, tático e de apoio), passa do Comandante do Comando Estratégico dos Estados Unidos [*U.S. Strategic Command*] (Base Aérea Offutt) ao Comandante do Comando Estratégico da Força Aérea [*Air Force Strategic Command Commander*] Alcance de Ataque Global e Comando Espacial das Forças Conjuntas [*Joint Forces Command Space and Global Strike – JFCC SGS*] (Barksdale) e depois então ao comandante do Gabinete das Forças Conjuntas [*Joint Service Office*] (Vandenberg) e de lá ao combatente”. O setor operacional é na verdade o *metier* dos planejadores militares. Os líderes civis e políticos cedem essa responsabilidade às forças armadas. Ver o artigo de Reiss, “*The C2 Puzzle: Space Authority and the Operational Level of War*,” *Army Space Journal* 5, no. 2 (Summer 2006): 17, [http://www.smdc-armyforces.army.mil/Pic\\_Archive/ASJ\\_PDFs/ASJ\\_VOL\\_5\\_NO\\_2\\_Article\\_1.pdf](http://www.smdc-armyforces.army.mil/Pic_Archive/ASJ_PDFs/ASJ_VOL_5_NO_2_Article_1.pdf).

2. Ver Scott Sigmund Gartner, *Strategic Assessment in War* (New Haven, CT: Yale University Press, 1997).

3. Michelle R. Garfinkel e Stergios Skaperdas, “Economics of Conflict: An Overview,” em *Handbook of Defense Economics*, vol. 2, *Defense in a Globalized World*, ed. Todd Sandler e Keith Hartley (Amsterdam: North Holland, 2007), 649–709.

4. Edward N. Luttwak, “The Operational Level of War,” *International Security* 5, no. 3 (Winter 1980–1981): 61–79.

5. Field Manual 100-5, *Operations*, 20 August 1982, 2-3; e *ibid.*, maio de 1986.

6. Joint Publication 3-0, *Joint Operations*, 11 August 2011, I-13, [http://www.dtic.mil/doctrine/new\\_pubs/jp3\\_0.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp3_0.pdf).

7. Jacques Richardson, *War, Science and Terrorism: From Laboratory to Open Conflict* (Portland, OR: Frank Cass, 2002), 253.

8. Luttwak, “Operational Level of War.”

9. Justin Kelly e Mike Brennan, *Alien: How Operational Art Devoured Strategy* (Ann Arbor, MI: Nimble Books, 2010).

10. H. R. McMaster, "Effective Civilian-Military Planning at the Operational Level: The Foundation of Operational Planning," em *Commanding Heights: Strategic Lessons from Complex Operations*, ed. Michael Miklaucic (Washington, DC: National Defense University Press, 2010), 101.

11. O Comando de Forças Conjuntas fechou as portas em 31 de agosto de 2011.

12. Ver US Joint Forces Command, *Millennium Challenge 2002 Executive Report: Thinking Differently*, March 2003, [http://www.ndu.edu/library/docs/MC02Executive\\_Report.pdf](http://www.ndu.edu/library/docs/MC02Executive_Report.pdf).

Conceitos específicos recebidos sem muito entusiasmo incluem a projeção de força; operações de informação; ações táticas conjuntas; Inteligência, Vigilância e Reconhecimento Conjunto; superioridade de decisão, bem como três iniciativas: o Centro de Treinamento Nacional Conjunto, a Iniciativa de Fogo Conjunto e Sistema de Ensaio de Planejamento de Missão *en route* [Joint National Training Center, Joint Fires Initiative, and Joint Enroute Mission Planning Rehearsal System–Near Term]. Outros conceitos validados incluem a informação colaborativa, quartéis-generais de força conjunta, grupo conjunto de coordenação interagencial, operações baseadas em efeitos e avaliação operacional final.

13. Maj Craig A. Barkley, *The Standing Joint Force Headquarters: A Planning Multiplier?* (Fort Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies, US Army Command and General Staff College, 2006), 15, <http://www.dtic.mil/cgi-bin/GetTRDoc?AD=ADA449950&Location=U2&doc=GetTRDoc.pdf>.

14. Para maiores informações acerca da área de estudos, ver Pinar Bilgin e Adam David Morton, "Historicising Representations of 'Failed States': Beyond the Cold-War Annexation of the Social Sciences?," *Third World Quarterly* 23, no. 1 (February 2002): 55–80; David A. Hounshell, "Epilogue: Rethinking the Cold War; Rethinking Science and Technology in the Cold War; Rethinking the Social Study of Science and Technology," *Social Studies of Science* 31, no. 2 (April 2001): 289–97; Christopher Simpson, ed., *Universities and Empire: Money and Politics in the Social Sciences during the Cold War* (New York: New Press, 1998); e David Szanton, ed., *The Politics of Knowledge: Area Studies and the Disciplines* (Berkeley: University of California Press, 2004).

15. Christopher Coker, *The Future of War: The Re-enchantment of War in the Twenty-First Century* (Oxford, UK: Blackwell, 2004), 35.

16. Peter Paret, *The Cognitive Challenge of War: Prussia 1806* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2009), 3.

17. Toda pessoa que já trabalhou para o DoD e/ou Departamento de Estado pode confirmar que a estratégia militar e as operações não estão bem sincronizadas com todas as interações. O Conselho de Segurança Nacional delibera a respeito de questões de segurança nacional [National Security Council], mas até mesmo este órgão está à mercê de política. Alguns membros possuem maior poder que outros. Ver David J. Rothkopf, *Running the World: The Inside Story of the National Security Council and the Architects of American Power* (New York: PublicAffairs, 2005).

18. Kelly e Brennan, *Alien*, 68.



### Philip Kao

Bacharelado pela Universidade de Chicago e o Mestrado em Ciências pela *London School of Economics*. Prepara-se para defender tese (Doutorado) em Antropologia Social na *University of St. Andrews*. Certos aspectos de sua pesquisa referem-se à Etnografia Organizacional. Desempenhou funções durante o processo de encerramento de Bases no Gabinete do Secretário de Defesa/ Programa de Análise e Avaliações. Bolsista em Gerenciamento Presidencial para o Comando de Forças Conjuntas dos Estados Unidos. Durante esse período desempenhou funções junto à OTAN/Membros para a Parceria para a Paz em planejamento de exercícios militares. Passou seis meses no Gabinete do Coordenador para Reconstrução e Estabilização (agora denominado *Bureau of Conflict and Stabilization Operations*), buscando meios para operacionalizar a interagência. Estagiário na *National Defense University / Industrial College of the Armed Forces* onde assistiu na compilação de currículo para o curso de *Economics of National Security Strategy*.

Gostaríamos de receber sua opinião

Distribuição: Texto aprovado para o público. Distribuição irrestrita.

Isenção de Responsabilidade

As opiniões e pontos de vista expressos ou inferidos neste periódico pertencem aos autores e não contam com a sanção oficial do Departamento de Defesa [Department of Defense], Força Aérea [Air Force], Comando de Treinamento e Educação Aérea da Aeronáutica [Air Education and Training Command –AETC], Universidade da Aeronáutica [Air University], ou quaisquer outras agências ou departamentos do governo dos Estados Unidos.

Este artigo pode ser reproduzido, parcial ou totalmente, sem necessidade de autorização prévia. Caso seja reproduzido, o Air and Space Power Journal – Português solicita a cortesia de menção.

<http://www.airpower.au.af.mil>